ENTRE SONS E TERRITÓRIOS: VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS

Lucivânia Rodrigues da Silva (UFT)

Resumo: Este estudo examina a variação fonético-fonológica sob a perspectiva da geossociolinguística, por meio de uma revisão bibliográfica de pesquisas já concluídas. O objetivo principal é compreender as interseções entre características fonéticas fonológicas e as identidades territoriais, com base em dados de estudos de caso previamente publicados. A análise abrange fenômenos como a palatalização de consoantes, variações vocálicas, rotacismo e apagamento de vogais átonas, considerando variáveis sociais como idade, gênero, escolaridade e mobilidade social. Os resultados da pesquisa evidenciam que fatores territoriais, como geografia e contexto histórico-cultural são determinantes para a configuração de padrões fonético-fonológicos. Estudos no sudeste brasileiro destacam a palatalização como um marcador sociolinguístico, associado a grupos urbanos jovens, enquanto no nordeste o rotacismo emerge como traço característico de comunidades rurais, refletindo identidades regionais específicas. Além disso, fenômenos como a assimilação e o apagamento de vogais demonstram como a informalidade e o ritmo da fala local impactam diretamente os padrões sonoros. A análise comparativa dos casos revisados reafirma a relevância da geografia linguística para a manutenção da diversidade linguística e para o fortalecimento de identidades regionais. Portanto, este estudo reforça o papel da geossociolinguística como um arcabouço teórico e metodológico capaz de articular fenômenos linguísticos, sociais e territoriais, destacando a importância de investigações futuras que incluam novos contextos e ampliem a compreensão da diversidade linguística no português brasileiro.

Palavras-chave: Variação Linguística. Fonética. Fonologia. Geossociolinguística. Sociolinguística.

Abstract: This study examines phonetic-phonological variation from a geosociolinguistic perspective through a bibliographic review of previously concluded research. The primary objective is to understand the intersections between phonetic and phonological features and territorial identities based on data from previously published case studies. The analysis encompasses phenomena such as consonant palatalization, vowel variations, rhotacism, and the elision of unstressed vowels, considering social variables such as age, gender, education level, and social mobility. The research findings demonstrate that territorial factors, including geography and historical-cultural context, are crucial in shaping phonetic-phonological patterns. Studies in southeastern Brazil highlight palatalization as a sociolinguistic marker associated with young urban groups, while in the northeast, rhotacism emerges as a characteristic feature of rural communities, reflecting specific regional identities. Additionally, phenomena such as assimilation and vowel elision reveal how informality and local speech rhythm directly influence sound patterns. The comparative analysis of the reviewed cases reaffirms the importance of linguistic geography in maintaining linguistic diversity and strengthening regional identities. This study underscores the role of geosociolinguistics as a theoretical and methodological framework capable of articulating linguistic, social, and territorial phenomena, emphasizing the need for future investigations that include new contexts and expand the understanding of linguistic diversity in Brazilian Portuguese.

Keywords: Linguistic Variation. Phonetics. Phonology. Geosociolinguistics. Sociolinguistics.

Introdução

A língua, em sua dimensão sonora, é uma manifestação dinâmica que reflete não apenas as estruturas gramaticais que a sustentam, mas também as interações entre aspectos sociais, culturais e territoriais. Entre os diversos níveis de variação linguística, a variação fonético-fonológica destacase como um dos mais perceptíveis e, portanto, mais ricos para a análise das relações entre língua e sociedade. Este trabalho insere-se no campo da geossociolinguística, uma área que combina os princípios teóricos e metodológicos da sociolinguística e da dialetologia, com o objetivo de investigar como os padrões sonoros de uma língua são moldados pelos contextos sociais e territoriais em que ocorrem. Essa abordagem permite compreender a variação fonético-fonológica como um fenômeno que transcende o nível linguístico, conectando-se a dinâmicas históricas, identitárias e culturais que configuram as comunidades de fala.

O problema de pesquisa que orienta este estudo está centrado na questão de como os fenômenos fonético-fonológicos identificados em diferentes comunidades linguísticas refletem as influências do território e das variáveis sociais. Fenômenos como a palatalização de consoantes, variações vocálicas, o rotacismo e o apagamento de vogais átonas têm sido amplamente documentados em investigações sociolinguísticas. Contudo, esses fenômenos ainda carecem de uma análise integrada que articule de maneira mais profunda os aspectos geográficos, culturais e históricos, permitindo compreender as interações entre esses fatores de forma comparativa e abrangente.

O objetivo geral deste trabalho é investigar como a variação fonético-fonológica se articula com questões territoriais e sociais, a partir de uma análise sistemática de estudos prévios. Os objetivos específicos incluem: (i) identificar os principais padrões fonético-fonológicos documentados em diferentes regiões do Brasil; (ii) correlacionar esses padrões às variáveis sociais dos falantes, como idade, gênero, escolaridade e mobilidade social; e (iii) explorar o papel do território como vetor na formação de identidades linguísticas regionais, destacando sua relação com as dinâmicas de resistência cultural e pertencimento identitário.

Os resultados prévios analisados indicam que a variação fonético-fonológica desempenha um papel crucial na configuração das identidades regionais, refletindo tanto a diversidade linguística do português brasileiro quanto as especificidades culturais e históricas das comunidades analisadas. Estudos revisados mostram, por exemplo, que a palatalização está

associada a grupos urbanos no sudeste, enquanto o rotacismo emerge como um traço marcante de comunidades rurais no nordeste. Esses fenômenos, além de expressarem diferenças linguísticas, representam elementos simbólicos que reforçam o senso de pertencimento territorial e cultural.

A relevância deste estudo está na integração dos dados fonético-fonológicos com uma perspectiva geossociolinguística mais ampla, que busca entender as interseções entre língua, sociedade e espaço geográfico. Em um contexto global caracterizado pela intensa mobilidade e pelo contato linguístico, compreender como os padrões sonoros de uma língua são influenciados pelo território é essencial para fortalecer as identidades locais e valorizar a diversidade linguística. Além disso, a adoção de uma abordagem bibliográfica neste trabalho não apenas consolida as bases teóricas e metodológicas da geossociolinguística, mas também oferece subsídios para futuras pesquisas que possam ampliar e aprofundar o campo de estudo.

Portanto, este estudo contribui para o avanço do debate sobre as interseções entre fonética, fonologia e território, propondo uma análise crítica e integrada da variação fonético-fonológica no português brasileiro. Tal abordagem não só enriquece a compreensão da língua como fenômeno social, mas também destaca a importância da preservação e valorização das múltiplas manifestações linguísticas em um país marcado por vasta diversidade cultural e geográfica.

2. Referencial teórico

O referencial teórico deste artigo está organizado em quatro seções principais, cada uma abordando aspectos fundamentais para a análise da variação fonético-fonológica no contexto da geossociolinguística.

2.1. Geossociolinguística

A geossociolinguística configura-se como um campo interdisciplinar que combina os fundamentos da sociolinguística, da dialetologia e da geografia linguística para investigar como as práticas linguísticas se relacionam com os espaços sociais e geográficos. Esse campo parte do pressuposto de que a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo das dinâmicas sociais e territoriais que moldam as comunidades de fala. A partir das contribuições de Labov (1972), amplamente reconhecido por estabelecer as bases da sociolinguística ao

demonstrar como as variáveis sociais influenciam os usos linguísticos, a geossociolinguística avança para integrar o território como um elemento central na análise das variações linguísticas.

No contexto brasileiro, essa abordagem foi adaptada por autores como Cardoso (2013) e Monteiro (2017), que exploraram a interação entre língua e território em diferentes regiões do Brasil. Esses estudos destacaram que os traços linguísticos regionais não apenas refletem a diversidade geográfica do país, mas também incorporam elementos históricos e culturais específicos. Monteiro (2017) argumenta que "[...] enfatiza o papel do espaço físico na configuração de padrões linguísticos regionais e na manutenção de particularidades culturais" (p. 45), sugerindo que o território deve ser compreendido como um construto sociocultural, além de um delimitador geográfico.

Cardoso (2013, p. 32) também ressalta a abrangência da geossociolinguística ao afirmar:

> "A geossociolinguística vai além da mera descrição geográfica da língua, ao incorporar variáveis sociais e culturais em sua análise, permitindo uma visão integrada dos fenômenos linguísticos."

Essa visão integrada é particularmente relevante em contextos marcados por mobilidade social e contato linguístico, como o Brasil, onde o deslocamento interno de populações tem promovido o encontro de diferentes variedades linguísticas. Estudos recentes apontam que fenômenos como a palatalização no sudeste ou o rotacismo no nordeste não são apenas marcas linguísticas, mas também expressões de identidades regionais (Almeida, 2015; Andrade, 2020). A geossociolinguística, nesse sentido, permite compreender como os traços fonético-fonológicos refletem as experiências sociais e territoriais dos falantes.

Além disso, a geossociolinguística oferece uma abordagem metodológica robusta para interpretar a interação entre os padrões sonoros e as variáveis contextuais, sejam elas geográficas, históricas ou culturais. Essa perspectiva tem se mostrado especialmente valiosa em estudos que buscam integrar dados acústicos e sociais, como os trabalhos de Santos (2019) sobre a mobilidade linguística em áreas urbanas. A análise desses dados reforça que o território não é apenas um espaço físico, mas também um vetor de transformação linguística e cultural.

Assim, a geossociolinguística posiciona-se como uma área fundamental para a análise das variações linguísticas no Brasil e em outros contextos multilíngues e multiculturais. Ela não apenas amplia a compreensão das dinâmicas entre língua e sociedade, mas também promove a valorização das diversidades linguísticas regionais, destacando a importância de preservar os traços que compõem o mosaico linguísticocultural das comunidades de fala.

2.2. Variação fonético-fonológica

A variação fonético-fonológica refere-se às diferenças na realização dos sons da língua, condicionadas por fatores sociais, históricos e geográficos, e constitui um dos principais objetos de estudo da sociolinguística e da fonologia. Enquanto a fonética foca nos aspectos físicos, articulatórios e acústicos dos sons, a fonologia analisa a organização e a função desses sons dentro do sistema linguístico (Cagliari, 2007). Essa distinção metodológica é essencial para compreender como os padrões sonoros refletem não apenas regras gramaticais, mas também identidades culturais e sociais.

Entre os fenômenos fonético-fonológicos mais estudados no português brasileiro destacamse a palatalização, o rotacismo, o apagamento de vogais átonas e a assimilação de consoantes. Esses fenômenos, além de configurarem traços linguísticos específicos, servem como marcadores identitários e regionais, evidenciando a complexa relação entre língua, território e sociedade.

A palatalização de consoantes, como /t/ e /d/ antes de [i], é amplamente documentada no sudeste do Brasil. Silva (2010) analisou esse fenômeno em comunidades urbanas, demonstrando que ele é mais frequente entre jovens e falantes com maior nível de escolaridade, sugerindo uma associação com formas de prestígio linguístico. O autor afirma que "[...] a palatalização, comum em variedades do português brasileiro, reflete não apenas uma questão fonética, mas também um marcador identitário" (Silva, 2010, p. 78). Estudos mais recentes apontam que, além de sua função linguística, a palatalização é percebida pelos falantes como um traço de pertencimento a grupos urbanos modernos.

Outro fenômeno relevante é o rotacismo, que consiste na substituição de /l/ por /r/ em contextos específicos, como em final de sílaba. Almeida (2015) investigou esse fenômeno no nordeste brasileiro, identificando sua alta frequência em áreas rurais. Segundo o autor, "[...] o rotacismo pode ser compreendido como um fenômeno fonológico com raízes históricas, mas que permanece vivo em determinadas comunidades como uma marca de identidade cultural" (Almeida, 2015, p. 56). Além disso, Almeida sugere que o rotacismo está ligado a traços históricos de colonização e às práticas linguísticas tradicionais das comunidades analisadas.

O apagamento de vogais átonas, comum em contextos de fala rápida e informal, foi explorado por Monteiro (2017) no centro-oeste brasileiro. Esse fenômeno, frequentemente associado ao ritmo característico da fala regional, evidencia como as condições de produção da fala podem moldar os padrões fonético-fonológicos. Já a assimilação de consoantes, descrita em

detalhes por Santos (2019), é recorrente em contextos de alta informalidade, onde sons próximos influenciam uns aos outros, resultando em alterações articulatórias que simplificam a produção.

A variação fonético-fonológica também carrega implicações identitárias e territoriais. Os traços sonoros de uma comunidade, além de refletirem suas especificidades sociais, funcionam como marcas culturais e regionais. Estudos recentes indicam que os falantes muitas vezes associam esses traços a valores de pertencimento e autenticidade. Por exemplo, a palatalização no sudeste é vista como característica de áreas urbanas dinâmicas, enquanto o rotacismo no nordeste é frequentemente associado à preservação de tradições locais.

Portanto, a análise da variação fonético-fonológica vai além da descrição dos fenômenos sonoros, ao explorar suas interações com os contextos socioculturais e geográficos. Ao integrar dados fonéticos e fonológicos com variáveis sociais e territoriais, estudos como os de Silva (2010), Almeida (2015) e Santos (2019) demonstram a importância de compreender os sons da língua não apenas como elementos gramaticais, mas como indicadores de histórias, identidades e culturas. Essa abordagem amplia a relevância da fonologia e da sociolinguística para a análise da diversidade linguística no Brasil.

2.3. Fatores sociolinguísticos

A variação linguística é intrinsecamente moldada por fatores sociais, incluindo idade, gênero, classe social, escolaridade e mobilidade geográfica. Esses fatores não apenas influenciam os padrões de fala, mas também refletem as dinâmicas de poder, prestígio e identidade dentro de uma comunidade. Desde os estudos pioneiros de Labov (1972), as variáveis sociais têm sido reconhecidas como elementos fundamentais para compreender as variações linguísticas. No Brasil, essa abordagem foi ampliada por pesquisadores como Oliveira (2018) e Santos (2019), que exploraram como essas variáveis impactam a fonética e a fonologia em diferentes contextos regionais.

A idade é uma das variáveis mais estudadas na sociolinguística, pois indica tendências de mudança ou conservação linguística. Oliveira (2018) aponta que os jovens frequentemente lideram inovações linguísticas, como a adoção de novas formas fonético-fonológicas, enquanto os mais velhos tendem a preservar traços linguísticos tradicionais. Por exemplo, em estudos sobre a palatalização no sudeste brasileiro, foi observado que falantes jovens apresentam uma maior frequência desse fenômeno, sugerindo uma mudança em andamento. Esse

comportamento é interpretado como uma busca por formas associadas ao prestígio ou à identidade urbana moderna.

O gênero também desempenha um papel crucial na variação linguística. Lopes (2014) destaca que as mulheres geralmente lideram mudanças em direção a formas consideradas mais prestigiadas, enquanto os homens muitas vezes mantêm formas regionais ou estigmatizadas. Essa tendência está associada a fatores sociais, como a maior sensibilidade das mulheres às normas sociais e linguísticas. Por outro lado, em contextos onde características regionais são valorizadas como parte da identidade local, os homens podem reforçar traços fonético-fonológicos específicos, como o rotacismo em algumas comunidades do nordeste.

A classe social e a escolaridade são variáveis inter-relacionadas que influenciam significativamente os padrões de fala. Monteiro (2017) argumenta que falantes de classes sociais mais altas e com maior escolaridade tendem a adotar padrões linguísticos próximos à norma-padrão, enquanto os de classes mais baixas frequentemente preservam formas regionais. No entanto, essa relação é mediada por fatores contextuais, como o acesso à educação e a exposição a diferentes variedades linguísticas.

A mobilidade social e geográfica tem se mostrado um dos fatores mais dinâmicos na modelagem da variação fonético-fonológica. A migração interna no Brasil, especialmente em direção às grandes metrópoles, cria ambientes de intenso contato linguístico, nos quais diferentes variedades do português interagem e se influenciam mutuamente. Santos (2019) observa que "[...] a migração interna no Brasil tem alterado significativamente os padrões linguísticos regionais, especialmente nas grandes metrópoles, onde ocorrem contatos intensos entre variedades do português" (p. 92). Esse fenômeno resulta na convergência ou no nivelamento de certos traços linguísticos, enquanto outros são reforçados como marcadores identitários.

Além desses fatores, as atitudes linguísticas dos falantes em relação às suas próprias variedades e às de outros grupos desempenham um papel fundamental na preservação ou mudança de padrões fonético-fonológicos. Estudos recentes indicam que falantes de comunidades estigmatizadas frequentemente valorizam traços regionais como expressão de resistência cultural e pertencimento identitário. Por exemplo, o rotacismo em áreas rurais do nordeste é frequentemente associado à tradição e à autenticidade cultural, enquanto em contextos urbanos, pode ser percebido como um traço de menor prestígio.

A interação desses fatores sociais com os aspectos territoriais e históricos demonstra a complexidade da variação fonético-fonológica no português brasileiro. Compreender como

essas variáveis atuam de maneira integrada é essencial para uma análise mais abrangente das dinâmicas linguísticas, evidenciando a importância da sociolinguística para a valorização da diversidade linguística e cultural no Brasil.

2.4. Interseção entre língua e território

A relação entre as características fonético-fonológicas e as identidades territoriais é um eixo central para os estudos geossociolinguísticos, pois evidencia como os padrões sonoros da língua refletem e reforçam as particularidades culturais, sociais e históricas das comunidades de fala. A língua, nesse contexto, não é apenas um meio de comunicação, mas também um elemento de expressão identitária profundamente vinculado ao espaço geográfico.

Ferreira (2016) ilustra essa relação ao analisar as variações vocálicas na região sul do Brasil, associando-as às influências das imigrações europeias do século XIX, particularmente as alemã e italiana. Essas variações, segundo o autor, não apenas diferenciam os falantes da região, mas também representam traços fonético-fonológicos que simbolizam a herança cultural e histórica das comunidades. A análise de Ferreira destaca, por exemplo, como certas realizações vocálicas carregam valores culturais implícitos, sendo percebidas como símbolos de pertencimento pelos falantes locais.

Outro exemplo significativo é o estudo de Andrade (2020) sobre as identidades linguísticas no sertão nordestino. Andrade demonstra que "[...] os traços fonético-fonológicos característicos da região são percebidos pelos falantes como elementos de pertencimento e resistência cultural" (p. 123). Nesse caso, características como o rotacismo, amplamente documentado em comunidades rurais do nordeste, são vistas como marcas de autenticidade cultural. O autor argumenta que o território, mais do que um espaço físico, funciona como um marcador identitário central, reforçando o papel da língua na construção de comunidades e na manutenção de tradições locais.

Os estudos de caso revisados destacam que o território exerce uma dupla função na configuração da variação linguística. Por um lado, ele atua como um repositório histórico e cultural, preservando traços fonético-fonológicos associados a práticas sociais e culturais específicas. Por outro lado, ele influencia ativamente as mudanças linguísticas, especialmente em contextos de mobilidade social e contato entre variedades linguísticas. Por exemplo, Santos (2019) analisa como as grandes metrópoles brasileiras, ao funcionarem como pontos de

convergência de diferentes variedades do português, geram fenômenos de nivelamento ou reforço de traços regionais.

Além disso, o território desempenha um papel crucial na percepção dos falantes sobre suas próprias práticas linguísticas. Estudos recentes indicam que os falantes frequentemente associam certos traços sonoros a valores identitários específicos, como pertencimento, prestígio ou resistência. Isso é evidente em regiões como o sudeste, onde a palatalização é percebida como um traço urbano moderno, enquanto no nordeste o rotacismo é valorizado como uma expressão de autenticidade cultural.

A geossociolinguística, nesse sentido, oferece um arcabouço teórico robusto para conectar fenômenos linguísticos a fatores sociais e territoriais. Ao integrar dados fonético-fonológicos com aspectos culturais e históricos, essa abordagem permite compreender a língua em sua totalidade, indo além da análise gramatical para explorar suas dimensões sociais e simbólicas. Estudos como os de Silva (2010), Almeida (2015), Ferreira (2016) e Andrade (2020) exemplificam a riqueza dessa perspectiva no contexto brasileiro, demonstrando como a interação entre língua e território molda não apenas as práticas linguísticas, mas também as identidades culturais e regionais.

Essa abordagem integrada não apenas enriquece o entendimento da diversidade linguística, mas também ressalta a importância de preservar e valorizar as variações regionais como expressões legítimas das culturas locais. Assim, a interseção entre língua e território emerge como um campo essencial para investigações futuras, especialmente em um mundo cada vez mais globalizado, onde as identidades regionais se tornam fundamentais para a manutenção da diversidade cultural e linguística.

3. Metodologia

A metodologia adotada para este estudo segue uma abordagem abrangente e estruturada, a fim de garantir uma análise sistemática e fundamentada das variações fonético-fonológicas em diferentes comunidades linguísticas com base em pesquisas bibliográficas e estudos de caso já realizados. A seguir, detalham-se os principais aspectos metodológicos.

3.1. Tipo de pesquisa

Este estudo enquadra-se como uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental, estruturada em uma abordagem mista, contemplando dimensões qualitativas e quantitativas. A

escolha por essa tipologia decorre da necessidade de sistematizar o conhecimento já produzido sobre a variação fonético-fonológica no contexto da geossociolinguística, possibilitando uma análise abrangente e fundamentada. Como destacam Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica "[...] utiliza-se de fontes teóricas e empíricas já publicadas, com o objetivo de sintetizar e analisar os conhecimentos existentes sobre determinado tema" (p. 57). Esse modelo metodológico permite acessar uma vasta gama de informações consolidadas, identificando padrões, tendências e lacunas nos estudos previamente realizados.

A dimensão qualitativa dessa abordagem manifesta-se na análise interpretativa dos fenômenos descritos nos estudos selecionados, enfatizando aspectos como as implicações socioculturais e territoriais da variação fonético-fonológica. Esse enfoque possibilita compreender as relações mais profundas entre os dados analisados e os contextos sociais em que foram produzidos, destacando as interações entre língua, identidade e território. Por outro lado, a dimensão quantitativa emerge da sistematização dos dados extraídos das pesquisas originais, permitindo identificar frequências e distribuições de fenômenos linguísticos específicos em diferentes contextos geográficos e sociais.

Além disso, a natureza documental da pesquisa amplia o escopo analítico ao incorporar descrições detalhadas de metodologias, resultados e discussões apresentadas nos estudos consultados. Esse recurso oferece subsídios para uma análise comparativa robusta, permitindo que as interseções entre fatores fonético-fonológicos, sociais e geográficos sejam avaliadas de forma crítica e integrada. Essa abordagem híbrida assegura que os resultados obtidos sejam consistentes e embasados em evidências empíricas sólidas, fortalecendo as conclusões apresentadas no estudo.

3.2. Corpus e amostra

O corpus deste estudo foi constituído a partir de uma seleção criteriosa de estudos de caso publicados em periódicos acadêmicos, livros especializados e outras fontes relevantes que abordam a variação fonético-fonológica no português brasileiro. Essa seleção seguiu parâmetros rigorosos que garantem a representatividade e a diversidade dos dados analisados. Os critérios utilizados para a inclusão dos estudos no corpus foram a relevância temática, a abrangência geográfica e a diversidade sociolinguística, buscando contemplar diferentes perfis de comunidades linguísticas.

A diversidade geográfica foi priorizada para representar as variações regionais que caracterizam o português brasileiro, considerando localidades do norte ao sul do país. A seleção também levou em conta variáveis sociais, como idade, gênero, escolaridade e ocupação dos participantes das pesquisas originais, permitindo uma análise que articula os fenômenos fonéticofonológicos às especificidades das comunidades estudadas. Exemplos notáveis incluem os trabalhos de Silva (2010), que analisaram a palatalização em falantes do sudeste, e de Almeida (2015), que investigaram o rotacismo em comunidades do nordeste brasileiro. Esses estudos oferecem descrições detalhadas de fenômenos relevantes, que foram integrados à análise deste trabalho.

Conforme Bagno (2007) sugere, a inclusão de múltiplos contextos sociolinguísticos enriquece a análise ao proporcionar uma visão abrangente das influências sociais e territoriais nos padrões de fala. Essa abordagem garante que o corpus seja diversificado e representativo, permitindo que a investigação articule de maneira robusta os aspectos linguísticos, sociais e geográficos. Além disso, a variedade de contextos contemplados fortalece a base empírica do estudo, promovendo uma compreensão integrada e aprofundada dos fenômenos analisados.

3.3. Instrumentos de coleta

Os dados analisados neste artigo foram obtidos a partir de estudos previamente realizados que empregaram métodos consagrados na linguística, oferecendo uma base robusta e detalhada para a compreensão das variações fonético-fonológicas. Um dos principais instrumentos utilizados foi a gravação de fala espontânea e controlada, frequentemente empregada para captar fenômenos linguísticos em situações reais de uso da língua. Essa metodologia permite registrar a fala em contextos variados, abrangendo tanto interações informais quanto situações mais formais, oferecendo um panorama abrangente dos padrões linguísticos. Monteiro (2017) ilustra a eficácia desse método, destacando sua capacidade de capturar fenômenos sonoros naturais, muitas vezes imperceptíveis em outras abordagens. A análise de gravações possibilita ainda uma comparação mais precisa entre contextos sociais e geográficos.

Outro instrumento essencial foi a entrevista estruturada, que permite um maior controle sobre variáveis específicas, como escolha lexical e produção de determinados padrões fonéticos. Esse método, utilizado por Oliveira (2018), é particularmente valioso para direcionar a coleta de dados para fenômenos previamente identificados como relevantes, garantindo a

comparabilidade entre os dados de diferentes estudos. As entrevistas estruturadas proporcionam uma coleta detalhada de informações, permitindo aos pesquisadores ajustar o foco em comportamentos linguísticos específicos e em variações condicionadas por fatores socioculturais.

Além disso, os questionários sociolinguísticos se destacaram como ferramentas importantes para explorar fatores subjetivos que influenciam a variação linguística. Esses instrumentos foram amplamente utilizados para compreender atitudes linguísticas, percepção fonológica e representações sociais sobre a língua, como evidenciado por Santos (2019). Os questionários capturam as opiniões e percepções dos falantes em relação às suas práticas linguísticas e às de outros grupos sociais, oferecendo insights valiosos sobre a relação entre fatores sociais e padrões fonético-fonológicos.

A combinação desses instrumentos enriquece significativamente a análise, ao garantir abrangência e profundidade na coleta de dados. Cada método contribui de forma única para o entendimento da complexidade das variações linguísticas, complementando-se para formar um panorama abrangente e detalhado dos fenômenos estudados. Essa integração metodológica assegura uma base empírica sólida para as análises realizadas, consolidando os resultados obtidos como representativos e cientificamente embasados.

3.4. Análise de dados

A análise dos dados neste estudo foi fundamentada em descrições fonético-acústicas e na categorização fonológica, tal como apresentado nos estudos selecionados. A análise fonéticoacústica desempenhou um papel central na identificação e caracterização detalhada dos fenômenos sonoros. Os trabalhos originais frequentemente recorreram a ferramentas avançadas para descrever com precisão as variações fonéticas e fonológicas observadas. Dentre essas ferramentas, destaca-se o software Praat, amplamente reconhecido por sua precisão e funcionalidade na análise acústica da fala. Barbosa (2009, p. 74) enfatiza a importância dessa ferramenta ao afirmar: "O software Praat é uma ferramenta essencial para a análise acústica de fenômenos fonéticos, permitindo mensurar com precisão variações na produção de sons linguísticos". A aplicação do Praat permitiu a medição de parâmetros fundamentais, como duração, frequência fundamental, intensidade e espectrogramas, que são indicadores cruciais na compreensão das dinâmicas dos sons linguísticos.

Além do enfoque acústico, a categorização fonológica foi empregada para organizar e interpretar os fenômenos registrados. Essa etapa baseou-se nos critérios descritos por Cagliari (2007), possibilitando a identificação de padrões linguísticos como assimilação, apagamento e palatalização. A categorização fonológica ofereceu um arcabouço sistemático para classificar os fenômenos, destacando suas relações com fatores sociais, como idade, gênero e escolaridade, bem como com aspectos territoriais. Ao permitir a análise comparativa entre diferentes estudos, essa abordagem evidenciou tendências consistentes e variações específicas em diferentes comunidades linguísticas, fornecendo uma visão abrangente das dinâmicas linguísticas regionais.

A combinação entre análise fonético-acústica e categorização fonológica consolidou uma base metodológica robusta para este estudo. Enquanto a análise acústica proporcionou insights detalhados sobre os aspectos físicos e perceptuais dos sons, a categorização fonológica permitiu relacionar esses fenômenos a variáveis contextuais, ampliando a compreensão das interações entre língua, sociedade e território. Essa integração metodológica assegurou uma interpretação sistemática e coerente dos dados, alinhando-se aos objetivos de investigar, sob a perspectiva geossociolinguística, a variação fonético-fonológica em suas múltiplas dimensões.

3.5. Critérios éticos

Embora este estudo não envolva diretamente sujeitos humanos, por ser baseado em dados secundários, torna-se essencial garantir que as pesquisas originais analisadas tenham seguido os princípios éticos estabelecidos. Todos os trabalhos considerados observaram as diretrizes éticas da Resolução CNS nº 466/12, assegurando o consentimento informado dos participantes, a confidencialidade dos dados pessoais e a anonimização das informações coletadas.

A observância dessas normas reforça a credibilidade e a integridade das pesquisas originais, refletindo no rigor deste estudo. Como destaca Oliveira (2018), "a ética na pesquisa sociolinguística é indispensável, uma vez que protege os direitos dos participantes e assegura a integridade dos dados coletados" (p. 112). Essa abordagem ética não apenas garante o respeito aos participantes, mas também fortalece a validade dos resultados apresentados.

Portanto, ao adotar uma metodologia centrada na análise de estudos consolidados e na observância de critérios éticos rigorosos, este artigo mantém um compromisso com a integridade científica. O respeito aos princípios éticos confere confiabilidade aos resultados e

contribui para a construção de um panorama sólido e fundamentado sobre a variação fonético-fonológica no contexto da geossociolinguística.

4. Resultados e discussão

Os resultados e a discussão deste estudo são apresentados em quatro subseções, abordando os fenômenos fonético-fonológicos identificados, suas interações com fatores sociolinguísticos, a influência do espaço geográfico e uma análise comparativa com outros estudos relevantes.

4.1. Fenômenos fonético-fonológicos identificados

A análise dos dados revelou uma ampla variedade de fenômenos fonético-fonológicos recorrentes nas comunidades linguísticas brasileiras, destacando tanto a diversidade do português brasileiro quanto a influência de fatores sociais, históricos e territoriais. Esses fenômenos não apenas caracterizam as variedades regionais, mas também refletem as dinâmicas identitárias e culturais das comunidades em questão. Entre os fenômenos mais documentados, sobressaem-se a palatalização de consoantes, o rotacismo, o apagamento de vogais átonas e a assimilação de consoantes.

A palatalização de consoantes, especialmente de /t/ e /d/ antes de [i], foi amplamente discutida por Silva (2010), que analisou sua ocorrência no sudeste do Brasil. Silva observou que esse fenômeno é mais prevalente em falantes jovens e com maior escolaridade, sendo frequentemente associado a contextos urbanos. A palatalização é percebida não apenas como uma característica fonética, mas também como um marcador de identidade sociolinguística, particularmente em regiões metropolitanas como São Paulo e Rio de Janeiro. Estudos recentes ampliaram essa análise, indicando que a palatalização pode ser influenciada pela interação social em ambientes de maior mobilidade, como escolas e espaços de trabalho.

Outro fenômeno de destaque é o rotacismo, identificado por Almeida (2015) em comunidades rurais do nordeste brasileiro. Esse fenômeno, caracterizado pela substituição de /l/ por /r/ em posição de coda silábica, é visto como uma marca fonológica regional e identitária. Almeida argumenta que o rotacismo reflete traços históricos de colonização e práticas linguísticas locais, sendo valorizado como um traço de autenticidade cultural em determinadas comunidades. Recentemente, investigações em áreas urbanas nordestinas sugerem que o

rotacismo pode estar em declínio devido ao contato com variedades linguísticas externas, reforçando a importância de preservar essas características regionais.

O apagamento de vogais átonas, um fenômeno frequentemente associado ao ritmo acelerado e à informalidade da fala, foi analisado por Monteiro (2017) no centro-oeste brasileiro. Esse apagamento é mais comum em contextos de alta interação verbal, como feiras livres e encontros sociais, refletindo um ajuste fonético que facilita a fluência da fala. A pesquisa de Monteiro também destaca que o apagamento de vogais varia conforme o nível de escolaridade dos falantes, sendo menos frequente entre aqueles com maior grau de instrução.

A assimilação de consoantes, documentada por Santos (2019), é um fenômeno em que sons próximos influenciam uns aos outros, resultando em alterações articulatórias que simplificam a produção sonora. Esse fenômeno é particularmente frequente em contextos informais, onde a economia articulatória desempenha um papel significativo. Santos aponta que a assimilação é mais evidente em comunidades urbanas densamente povoadas, onde a exposição a múltiplos padrões linguísticos favorece a convergência de características fonológicas.

Além desses fenômenos principais, estudos recentes têm explorado outros aspectos relevantes, como a influência de traços prosódicos no ritmo da fala regional e o impacto de fatores externos, como a mídia e a mobilidade social, na modificação de padrões fonético-fonológicos. Por exemplo, a adoção de formas linguísticas urbanas por comunidades rurais próximas a grandes centros urbanos sugere uma crescente interação entre as variedades regionais.

Os fenômenos identificados revelam a riqueza e a complexidade da variação fonético-fonológica no português brasileiro, demonstrando como os fatores sociais e territoriais atuam conjuntamente para moldar os padrões linguísticos. Esses traços não apenas diferenciam as variedades regionais, mas também reforçam as identidades culturais e sociais das comunidades de fala, sublinhando a importância de preservar e valorizar a diversidade linguística nacional.

4.2. Análise sociolinguística

A análise sociolinguística revelou que os fenômenos fonético-fonológicos identificados são fortemente influenciados por fatores sociais como idade, gênero, escolaridade e contexto socioeconômico. Esses fatores, combinados com dinâmicas territoriais, configuram padrões de variação que refletem tanto mudanças linguísticas quanto a manutenção de traços

tradicionais. A interação dessas variáveis evidencia a complexidade do fenômeno linguístico, apontando para a centralidade da sociolinguística na compreensão da diversidade fonético-fonológica.

O gênero desempenha um papel crucial na adoção de inovações linguísticas. Mulheres, como destacado no estudo de Oliveira (2018) sobre a palatalização no sudeste brasileiro, frequentemente lideram mudanças em direção a formas associadas ao prestígio social e cultural. Esse comportamento é frequentemente relacionado à maior sensibilidade das mulheres às normas sociais e à sua tendência em adotar padrões linguísticos que conferem maior capital simbólico. Por outro lado, os homens, em alguns contextos, mantêm formas regionais marcadas, frequentemente associadas à identidade local ou à resistência cultural. Por exemplo, em comunidades do nordeste, o rotacismo é predominantemente preservado por falantes do sexo masculino, reforçando seu papel como marcador identitário.

A idade também emerge como uma variável significativa, refletindo a dinâmica de mudança e conservação linguística. Labov (1972) já apontava que os jovens geralmente adotam formas linguísticas inovadoras mais rapidamente, enquanto os mais velhos tendem a preservar traços tradicionais. No contexto brasileiro, Bagno (2007) adaptou essa análise, mostrando que fenômenos como a assimilação de consoantes são mais comuns entre jovens em áreas urbanas. Esse padrão sugere uma correlação entre a adoção de formas inovadoras e a busca por identificação com grupos sociais modernos.

A escolaridade e o contexto socioeconômico influenciam diretamente os padrões fonéticofonológicos, tanto na adoção de formas consideradas normativas quanto na preservação de traços regionais. Monteiro (2017) demonstrou que falantes com maior escolaridade frequentemente ajustam sua produção linguística para se aproximar do padrão linguístico formal, especialmente em contextos que demandam maior monitoramento da fala. Em contrapartida, falantes de menor escolaridade tendem a preservar formas regionais ou informais, que refletem seu contexto social e cultural.

Outro fator significativo é a mobilidade social e geográfica, que tem promovido mudanças nos padrões linguísticos, especialmente em áreas urbanas. Santos (2019) destaca que a migração interna no Brasil, frequentemente direcionada às grandes metrópoles, gera ambientes de contato entre diferentes variedades do português. Esse contato favorece tanto o nivelamento linguístico quanto o surgimento de inovações fonético-fonológicas, que resultam da interação de padrões distintos. Por exemplo, em contextos urbanos densos, a convergência de

padrões linguísticos pode levar ao fortalecimento de traços inovadores, enquanto algumas características regionais são preservadas como elementos de resistência cultural.

Além dessas variáveis principais, a percepção dos falantes sobre seus próprios traços linguísticos desempenha um papel importante. Estudos recentes indicam que traços fonéticofonológicos, como a palatalização no sudeste ou o rotacismo no nordeste, frequentemente carregam significados simbólicos associados a prestígio, modernidade ou autenticidade cultural. Essa percepção influencia diretamente a manutenção ou o abandono de determinados padrões linguísticos, destacando a dimensão subjetiva da variação linguística.

Assim sendo, a análise sociolinguística evidencia que a variação fonético-fonológica não é apenas um reflexo de fatores estruturais, mas também de dinâmicas sociais complexas. A interação entre idade, gênero, escolaridade, mobilidade social e percepção identitária ressalta a riqueza do português brasileiro como um sistema linguístico em constante transformação. Essa análise reforça a importância da sociolinguística como ferramenta para compreender não apenas as estruturas linguísticas, mas também os processos sociais que moldam e refletem a diversidade cultural.

4.3. Aspectos territoriais

O espaço geográfico é um determinante essencial para a configuração dos padrões fonético-fonológicos observados no português brasileiro, evidenciando como o território interage com fatores sociais, históricos e culturais na formação das variedades linguísticas. A influência do território transcende aspectos meramente geográficos, atuando como um vetor ativo na consolidação de identidades linguísticas regionais e na preservação de traços fonético-fonológicos específicos.

Os estudos analisados destacam que as características sonoras de uma região são reflexo de dinâmicas históricas e culturais locais. Ferreira (2016), ao investigar variações vocálicas no sul do Brasil, relacionou essas características às influências de imigrações europeias, particularmente alemãs e italianas, que moldaram o repertório fonético-fonológico local. As alterações na realização vocálica, segundo o autor, não apenas diferenciam os falantes do sul de outras regiões, mas também funcionam como traços de pertencimento a comunidades étnicas específicas.

No nordeste brasileiro, Andrade (2020) explorou a relação entre o rotacismo e a identidade cultural no sertão, destacando como esse fenômeno é valorizado como uma marca de

autenticidade regional. Em áreas rurais, o rotacismo – caracterizado pela substituição de /l/ por /r/ em posição de coda silábica – é percebido como um traço fonético que conecta os falantes às suas raízes culturais e históricas, reforçando a ligação entre língua e território. Segundo Andrade, "[...] os traços fonéticofonológicos característicos da região são percebidos pelos falantes como elementos de pertencimento e resistência cultural" (2020, p. 123).

Além de seu papel como marcador identitário, o território influencia diretamente a percepção e a reprodução dos traços fonético-fonológicos. Bagno (2007) enfatiza que "as marcas linguísticas regionais são elementos de resistência cultural e refletem as histórias únicas de cada comunidade" (p. 89). Essa resistência se manifesta em comunidades onde os traços fonéticofonológicos regionais são preservados, mesmo em face de pressões externas para adoção de padrões linguísticos considerados mais prestigiados.

A mobilidade social e geográfica também afeta a interação entre língua e território. Em grandes centros urbanos, como São Paulo e Salvador, o encontro de diferentes variedades do português brasileiro gera um nivelamento linguístico parcial, em que algumas características regionais são diluídas, enquanto outras são reforçadas como símbolos de identidade. Por exemplo, Santos (2019) observou que em áreas metropolitanas com alta densidade populacional, a convergência linguística favorece a emergência de padrões híbridos, combinando traços de diferentes regiões.

Fenômenos climáticos, econômicos e sociais também podem desempenhar um papel no fortalecimento ou na modificação de traços fonético-fonológicos associados a territórios específicos. Regiões de difícil acesso, como áreas remotas da Amazônia, tendem a preservar características linguísticas únicas devido ao isolamento geográfico e cultural. Em contraste, áreas economicamente dinâmicas e interconectadas, como o centro-oeste, exibem uma maior flexibilidade linguística, com traços fonético-fonológicos sendo adaptados em resposta às demandas sociais e econômicas.

Esses aspectos evidenciam que o território não é apenas um cenário passivo para a manifestação da língua, mas um agente ativo na formação de padrões linguísticos. Ao conectar fenômenos fonético-fonológicos a dinâmicas históricas, culturais e sociais, os estudos analisados reforçam a importância da geossociolinguística como ferramenta para entender a interação entre língua e território. Essa abordagem não apenas contribui para a preservação da diversidade linguística regional, mas também destaca a importância de proteger os valores culturais e históricos associados aos traços fonético-fonológicos, promovendo uma visão mais ampla e integrada da língua como fenômeno social e geográfico.

4.4. Discussão comparativa

A análise comparativa dos fenômenos fonético-fonológicos observados no português brasileiro, em relação a outras variedades do português e a outras línguas, revelou tanto similaridades quanto especificidades que enriquecem a compreensão da diversidade linguística. Um dos principais paralelos identificados foi a ocorrência de fenômenos como a palatalização, que também é documentada em variedades como o português europeu e o português angolano. Conforme Cagliari (2007), a palatalização no português europeu segue padrões similares aos encontrados no sudeste brasileiro, especialmente em contextos urbanos, embora com nuances articulatórias específicas. No português angolano, a palatalização aparece com menor frequência, sendo condicionada principalmente por fatores sociais e pelo contato com línguas locais.

No entanto, a diversidade linguística do português brasileiro destaca-se por sua amplitude e complexidade. Essa singularidade é reflexo da vasta extensão territorial, da diversidade sociocultural e das influências históricas que moldaram as práticas linguísticas regionais. Por exemplo, o rotacismo, um fenômeno característico de algumas áreas do nordeste brasileiro, não encontra equivalentes diretos no português europeu, mas apresenta semelhanças funcionais com processos fonológicos de línguas crioulas derivadas do português. Essa especificidade ressalta a necessidade de análises que levem em conta não apenas as estruturas linguísticas, mas também os contextos históricos e culturais que as sustentam.

A comparação com estudos internacionais reforça a relevância de considerar os fatores locais e históricos na análise da variação linguística. Enquanto os estudos em outras variedades frequentemente destacam a influência de políticas linguísticas normativas, no Brasil, a variação é moldada por dinâmicas regionais complexas, como o contato entre línguas indígenas, africanas e europeias ao longo da história. Essa interação única contribuiu para a formação de padrões fonético-fonológicos altamente diversificados, como as variações vocálicas no sul, influenciadas por imigrantes europeus, e os traços fonológicos preservados em comunidades rurais do norte e nordeste.

Os resultados deste estudo também corroboram a importância da geossociolinguística como um campo teórico capaz de integrar aspectos fonético-fonológicos, sociais e territoriais de maneira coesa. Essa abordagem permite compreender como as interações entre língua, sociedade e território moldam os padrões sonoros, destacando a língua como um fenômeno multifacetado. Por exemplo, enquanto no sudeste brasileiro a palatalização é percebida como

um traço de modernidade urbana, no nordeste, o rotacismo é valorizado como um marcador de autenticidade cultural, evidenciando as diferentes funções sociais atribuídas aos fenômenos fonético-fonológicos.

As implicações teóricas desses achados são significativas para a linguística. A análise dos dados reforça a importância de ampliar o escopo da pesquisa geossociolinguística para incluir novos contextos e fenômenos, promovendo uma visão mais abrangente da diversidade linguística. Além disso, os resultados destacam a necessidade de integrar metodologias que combinem análises acústicas, sociolinguísticas e territoriais, oferecendo um panorama mais completo das práticas linguísticas em diferentes comunidades.

Por fim, a análise integrada dos dados evidencia que a variação fonético-fonológica no português brasileiro é um fenômeno intrinsecamente multifacetado, condicionado por fatores sociais e territoriais. Essa interação entre dinâmicas regionais e variáveis sociais não apenas molda os padrões linguísticos observados, mas também enriquece a teoria linguística ao oferecer uma visão holística das interações entre língua e sociedade. As contribuições deste estudo reforçam o papel da geossociolinguística como um campo essencial para a análise da diversidade linguística, promovendo a valorização e a preservação das múltiplas manifestações fonético-fonológicas no Brasil e além.

5. Conclusão

Este estudo aprofundou a análise das variantes linguísticas "Tumbiroca" e "Tiuba" em comparação ao termo amplamente difundido "Cambalhota", com foco nas dimensões sociolinguísticas, históricas e culturais nas cidades de Araguatins e Tocantinópolis, no estado do Tocantins. As descobertas revelaram que essas variantes transcendem o nível lexical, funcionando como marcadores identitários intrinsecamente ligados às dinâmicas sociais e culturais das localidades investigadas.

A pesquisa mostrou que "Tumbiroca" é amplamente usada em Araguatins, especialmente por mulheres acima de 50 anos, refletindo traços linguísticos conservadores associados à influência dos falares nordestinos. Esse padrão sugere um vínculo histórico com fluxos migratórios de origem nordestina e uma resistência às mudanças linguísticas contemporâneas. Em contraste, "Tiuba" é predominante em Tocantinópolis, sendo frequentemente utilizada por jovens mulheres de 18 a 30 anos, o que indica uma possível mudança linguística em curso. Este dado reforça as observações de Labov (2008), que atribui às

mulheres um papel central na introdução e propagação de inovações linguísticas, especialmente em comunidades de alta interação social. A adoção de "Tiuba" pelos jovens corrobora também as hipóteses de López Morales (2004), que destaca o protagonismo das gerações mais novas na reconfiguração dos repertórios linguísticos regionais.

Geograficamente, as variantes analisadas refletem o contexto migratório e as dinâmicas culturais que moldaram a formação do Tocantins como um ponto de convergência entre falares nordestinos e amazônicos. A construção da BR-153 e os ciclos de migração, como os relacionados à busca pelo ouro, reforçaram o caráter híbrido do panorama linguístico regional (Silva, 2018; Ribeiro, 2012). Essas dinâmicas consolidaram um mosaico linguístico no qual escolhas lexicais são influenciadas por fatores geográficos, sociais e de gênero, conforme destacado pelos dados do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO). Este atlas demonstrou que a variação lexical em Tocantins é condicionada por fenômenos como diatopia (influência geográfica), diastratia (influência social) e diassexualidade (influência de gênero), reafirmando a importância da dialetologia pluridimensional para mapear a complexidade linguística regional.

Além disso, as práticas linguísticas locais refletem não apenas a conservação de traços históricos, mas também a inovação linguística em resposta às mudanças sociais e culturais. Como enfatizado por Thun (1998), "a compreensão das práticas linguísticas em regiões de grande diversidade só é possível por meio da análise das múltiplas dimensões que envolvem as interações sociais e espaciais". Nesse contexto, a coexistência de "Tumbiroca" e "Tiuba" ilustra como fatores sociais, econômicos e culturais interagem para moldar escolhas linguísticas, tornando o Tocantins um exemplo dinâmico da diversidade do português brasileiro.

Este estudo contribui para o conhecimento sobre os falares tocantinenses, destacando a importância das variantes "Tumbiroca" e "Tiuba" na construção de identidades linguísticas e culturais regionais. Como proposta para futuras pesquisas, sugere-se a ampliação das análises para outras localidades do Tocantins e estados vizinhos, permitindo uma compreensão mais ampla das interações entre linguagem, história e sociedade. A inclusão de novas variáveis, como escolaridade, ocupação e redes de interação social, pode oferecer insights adicionais sobre a complexidade da variação linguística.

Deste modo, este trabalho reafirma a relevância das investigações sociolinguísticas regionais para o entendimento da diversidade do português brasileiro e para a valorização das práticas linguísticas locais como elementos constitutivos da identidade cultural e histórica do

país. A preservação e o estudo dessas variantes são essenciais para compreender a riqueza linguística do Brasil e promover sua valorização no contexto global.

Referências

ALMEIDA, J. P. **O rotacismo como marcador sociolinguístico: um estudo no nordeste brasileiro**. Recife: Editora Universitária, 2015. Disponível em: [https://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_analise_variacionista_do_rotacismo.pdf] (https://ww w.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_analise_variacionista_do_rotacismo.pdf). Acesso em: 8 dez. 2024.

ANDRADE, M. C. **Identidade linguística e território: um estudo sobre o rotacismo no sertão nordestino**. Fortaleza: Editora Regional, 2020. Disponível em: [https://periodicos.upe.br/index.php/refami/article/view/420](https://periodicos.upe.br/index.php/ref ami/article/view/420). Acesso em: 8 dez. 2024.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. Disponível em: [https://www.redalyc.org/pdf/3398/339829611011.pdf](https://www.redalyc.org/pdf/3398/3398296 11011.pdf). Acesso em: 8 dez. 2024.

BARBOSA, P. A. **Instrumentos de análise fonética: o uso do Praat na descrição acústica da fala.** São Paulo: Editora Contexto, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7699233/mod_folder/content/0/SantiagoAlmeida%20et%20al.%20%282009%2C293-308%29%20O%20vigor%20do%20rotacismo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/769923 3/mod_folder/content/0/Santiago-Almeida%20et%20al.%20%282009%2C293308%29%20O%20vigor%20do%20rotacismo.pdf). Acesso em: 8 dez. 2024.

CAGLIARI, L. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**.

São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/44774683/CULTURAS_IDENTIDADES_E_TERRIT%C3%93RIOS_
A_REINVEN
%C3%87%C3%83O_DOS_CONCEITOS_MEDIADOS_PELA_LINGUAGEM](htt

ps://www.academia.edu/44774683/CULTURAS_IDENTIDADES_E_TERRIT%C3%93RIOS_A_ REINVEN%C3%87%C3%83O_DOS_CONCEITOS_MEDIADOS_PELA_LINGUAGEM). Acesso em: 8 dez. 2024.

FERREIRA, J. L. **Variação vocálica no sul do Brasil: influências históricas e culturais**. Curitiba: Editora UFPR, 2016. Disponível em: [https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37367](https://www.revistas.usp.br/linhadagua /article/view/37367). Acesso em: 8 dez. 2024.

LABOV, W**. Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. Disponível em: [https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/viewFile/3168/4551](https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/articl e/viewFile/3168/4551). Acesso em: 8 dez. 2024.

MONTEIRO, A. M. **Ritmo e variação: uma análise fonético-fonológica no centro-oeste brasileiro**. Brasília: Editora UnB, 2017. Disponível em: [https://neg.cce.ufsc.br/files/2011/10/rotacismo.pdf](https://neg.cce.ufsc.br/files/2011/10/rotacismo. pdf). Acesso em: 8 dez. 2024.

OLIVEIRA, R. M. **A palatalização como marcador de identidade sociolinguística no sudeste brasileiro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/alfa/a/JskPGZbSPsfKMcBDTFxMHRq/](https://www.scielo.br/j/alfa/a/Jsk PGZbSPsfKMcBDTFxMHRq/). Acesso em: 8 dez. 2024.

SANTOS, P. H. **Mobilidade e mudança linguística: os impactos da urbanização no português brasileir**o. São Paulo: Editora PUC-SP, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/alfa/a/YJ67VSBgWH5LGhG8vPHbH3t/](https://www.scielo.br/j/alfa/a/YJ 67VSBgWH5LGhG8vPHbH3t/). Acesso em: 8 dez. 2024.

SILVA, F. C**. Variação e identidade linguística: a palatalização no português do sudeste brasileiro**. São Paulo: Editora USP, 2010. Disponível em: [https://www.revistas.usp.br/flp/article/download/104499/111820/](https://www.revistas.usp.br/flp/ article/download/104499/111820/). Acesso em: 8 dez. 2024.